Uma nova história de acolhimento

Metodologia de trabalho com histórias de vida na promoção de convivência e fortalecimento de vínculos familiares

instituto fazendohistória

Algumas famílias são grandes
Algumas famílias são pequenas
Em algumas famílias, todos são da mesma cor
Em algumas famílias, todos são de cores diferentes
Nas famílias todos gostam de abraçar uns aos outros
Em algumas famílias, uns moram perto dos outros
Em algumas famílias, uns moram longe dos outros
Algumas famílias se parecem
Algumas famílias parecem seus animaizinhos de estimação
Algumas famílias adotam filhos
Algumas famílias têm duas mães ou dois pais
Algumas famílias têm só pai, ou só mãe
O livro da família –Tood Parr

1. Introdução

O Instituto Fazendo História (IFH), fundado em 2005, é uma OSCIP que tem como missão colaborar com o desenvolvimento de crianças e adolescentes com experiência de acolhimento, a fim de fortalecê-los para que se apropriem e transformem suas histórias. Sua visão é de que toda criança e adolescente tem o direito de se desenvolver plenamente, em família e na comunidade. O trabalho desenvolvido pelo Instituto apoia-se nos pressupostos do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), no Plano Nacional de Promoção e Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente, e nas Orientações Técnicas para os Serviços de Acolhimento do CONANDA e Ministério do Desenvolvimento Social. Estes documentos oficiais são ao mesmo tempo a base e o norte de nosso trabalho.

1. Introdução

O Instituto constitui-se como um centro de pesquisa e construção de novas práticas na área do acolhimento. Suas ações são desenvolvidas a partir dos seguintes programas:

- **Fazendo Minha História**, que oferece a oportunidade para cada criança e adolescente entrar em contato com a própria história, registrando-a através de fotos, relatos e depoimentos junto a um adulto de referência;
- **Apadrinhamento Afetivo** que proporciona às crianças e adolescentes com perspectiva de longa permanência no acolhimento a vivência de vínculos afetivos individualizados e duradouros e a ampliação de suas experiências sociais, culturais e de convivência familiar;
- **Grupo Nós**, que acompanha e facilita o processo de transição de jovens em situação de acolhimento para a vida autônoma e inserida na comunidade, desenvolvendo ações referentes aos projetos profissional e de moradia, uso consciente do dinheiro e cidadania;
- **Com Tato**, que mobiliza e organiza uma rede de psicólogos e supervisores clínicos voluntários para o atendimento psicoterápico gratuito de crianças e adolescentes;
- **Formação**, que oferece capacitação e supervisão a educadores e gestores de serviços de acolhimento.

1. Introdução

Além desses programas, executamos um serviço de acolhimento para bebês de zero a dois anos na modalidade de **Famílias Acolhedoras** e apoiamos o **AcolhimentoemRede**, rede virtual (http://acolhimentoemrede.org.br) composta por profissionais de diferentes áreas que atuam direta ou indiretamente em serviços de acolhimento com objetivo de fomentar a troca de experiências, difundir o conhecimento produzido e disponibilizar informações relevantes para o grupo participante.

Atuando especificamente no contexto do acolhimento nos deparamos constantemente com questionamentos comuns nesta área: o que significa trabalhar com famílias? Como ajudá-las a se fortalecer? Como oferecer uma escuta acolhedora e respeitosa que supere julgamentos e preconceitos? Como evitar que as famílias se sintam cobradas e fiscalizadas? Como buscar a potência de cada família e não o fracasso?

O Fazendo Minha História (FMH), ao oferecer um espaço de expressão individualizado para que crianças e adolescentes entrem em contato, compreendam e elaborem suas histórias de vida, permite, entre outras coisas, a manutenção das memórias familiares. Acreditamos que ter um espaço para narrar, relembrar, valorizar e registrar situações vividas em família fortalece os vínculos familiares e o senso de pertencimento. Nos últimos anos, a equipe do FMH percebeu que esta metodologia é também muito potente na realização de encontros diretos com familiares, estendendo a eles momentos acolhedores em que possam falar e valorizar as suas histórias e relações familiares.

1. Introdução

Este Guia pretende sistematizar e difundir as ações que o Fazendo Minha História criou e utilizou junto a famílias de bebês, crianças e adolescentes que se encontram nos serviços de acolhimento. Queremos, através da nossa experiência, inspirar profissionais dos serviços de acolhimento, padrinhos, voluntários e outros atores da rede a desenvolverem encontros descontraídos, acolhedores e respeitosos com as famílias dos meninos e meninas acolhidos.

Não pretendemos neste curto texto esgotar todas as possibilidades de ação com as famílias. Pelo contrário, sabemos que a rede de acolhimento realiza um trabalho muito mais amplo nesse sentido. No entanto, esperamos que as ideias a seguir possam abrir novos caminhos e ajudar a planejar encontros potentes que fortaleçam a relação entre as crianças, adolescentes e seus familiares.

2. Fundamentos

"Todos nós temos um modelo de família internalizado, uma ideia do que 'deve ser' uma família. A intimidade com esse conceito pode causar confusão entre a família com a qual trabalhamos e os nossos próprios modelos de relação familiar".

Maria Amália Faller Vitale, professora doutora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

A identidade de uma pessoa começa a ser construída antes de seu nascimento; recebe influência da história singular de sua família, de seus pais e seus antepassados, bem como das fantasias e expectativas que cercam o bebê mesmo antes de ser gerado. Além da história pessoal e familiar, há elementos da cultura que banham e marcam a identidade e a forma como cada um vai entender o mundo e se relacionar com ele.
O conhecimento, a possibilidade de atribuir significados, valorizar e compreender sua história são fundamentais para um desenvolvimento psíquico saudável.

2. Fundamentos

Desta forma, o **respeito à história** e o **direito à verdade** são a base para o trabalho com as crianças e adolescentes que estão nos serviços de acolhimento. Tão ou mais importante do que matriculá-los na escola, na capoeira, levá-los ao médico ou para passear, é poder proporcionar conversas sobre por que estão acolhidos e qual a relação que poderão ter com sua família (ou substitutos) a partir daquele momento.

Conversar a respeito não é tarefa simples, exige reflexão em equipe, espaços para discussão de caso e **alinhamento** entre todos os profissionais que lidam com a criança ou adolescente. Equipe do judiciário, técnicos e educadores do serviço de acolhimento devem definir maneiras respeitosas e acolhedoras para conversar com as crianças e adolescentes sobre o motivo do acolhimento e a situação familiar; padrinhos e colaboradores voluntários que lidam diretamente com eles também devem estar alinhados com a equipe para que as crianças ou adolescentes não fiquem confusos com informações ou atitudes contraditórias das pessoas com quem convivem.

2. Fundamentos

Pesquisas e estudos no campo da psicanálise mostram que mais do que os fatos reais vividos, são as **palavras** utilizadas pelos adultos e, principalmente a forma como eles significam os fatos reais que determinam as marcas psíquicas que a criança terá sobre determinado evento (Paiva, 2004). A medida de acolhimento, portanto, será reparadora para a criança ou adolescente à medida que puder ajudá-lo a encontrar palavras que deem sentido ao que viveu, sem desqualificar suas raízes familiares, ajudando a reconhecer as **experiências positivas** que tiveram - mesmo que alternadas a momentos de negligência ou violência.

O impacto do afastamento do convívio familiar e de maus tratos no desenvolvimento psíquico das crianças acolhidas pode ser minimizado e até superado durante o acolhimento através das **relações com adultos** que exercem as funções de cuidado, proteção e estabelecimento de limites. Além disso, os profissionais dos serviços de acolhimento exercem um importante papel junto às famílias, devendo estar preparados para **receber de forma acolhedora** não apenas o bebê, criança ou adolescente acolhido, mas também seus pais, tios, avós, primos.

2. Fundamentos

Segundo as **Orientações Técnicas**, o Projeto Político Pedagógico (PPP) de todo serviço de acolhimento deve prever o **trabalho com as famílias de origem** de modo a promover o fortalecimento dos vínculos familiares visando à reintegração familiar. Dentre as estratégias descritas pelo documento estão: preparação dos serviços de acolhimento institucional para aceitação e acolhimento dos familiares; flexibilidade nos horários de visitas; participação da família na organização e comemoração de aniversários e outras datas comemorativas, sempre que possível realizadas no domicílio da família; saídas das crianças e adolescentes para finais de semana com os familiares.

O serviço deve também apoiar as visitas da criança e do adolescente à família; telefonemas para a família de origem e destas para as crianças e adolescentes que se encontrem acolhidos; realizações de atividades recreativas e culturais com as famílias, crianças, adolescentes e profissionais do serviço; realização de “Oficinas de talentos” nas quais as famílias de origem, a criança ou adolescente difundam seus saberes e habilidades específicas (artesanato, brincadeiras, pequenos consertos, aproveitamento de alimentos e materiais, etc.); rodas de conversas para pais e filhos, abordando temas levantados pela família, crianças e adolescentes; participação dos familiares nas reuniões da escola do filho e consultas de saúde. Além de favorecer a aproximação entre as famílias, crianças e adolescentes, estas atividades podem favorecer, ainda, a aproximação das famílias entre si, de modo a construir uma rede de apoio mútuo, identificação e trocas de experiência.

2. Fundamentos

As Orientações Técnicas indicam que trabalhar com histórias de vida nos serviços de acolhimento é uma forma de oferecer um olhar individualizado para cada bebê, criança e adolescente e suas respectivas famílias. Nesse sentido, fazer registros sobre a família, identificar e respeitar suas particularidades e dificuldades permitirá formular estratégias singulares de atendimento.

Segundo as Orientações Técnicas,

Trabalhar com as famílias das crianças e dos adolescentes acolhidos em abrigos ou nas famílias acolhedoras implica compreender sua configuração, buscar suas competências e entender sua inserção na comunidade. O trabalho com essas famílias precisa favorecer a superação das questões, por vezes bastante complexas, que contribuíram para o afastamento da criança ou adolescente do convívio familiar. É importante compreender como as famílias estão vivenciando a situação de afastamento de seus filhos e potencializá-las para a retomada do convívio e exercício de seu papel de proteção e cuidados (p.54).

2. Fundamentos

Quando uma criança ou adolescente encontra-se acolhido, há ou houve alguma situação delicada em seu seio familiar, na maioria das vezes articulada ao contexto de vulnerabilidade e desamparo social, que exigiu o afastamento provisório do ambiente familiar. No entanto, tais pessoas ocupam **lugar central** na vida e na identidade das crianças e adolescentes, independente da história familiar e do momento em que a família se encontra.

Certas vezes, o contexto que levou ao acolhimento também provoca revolta, vergonha ou resistência nas crianças e adolescentes, e também nos adultos, que correm riscos de desqualificá-las sem um entendimento global da situação que gerou o afastamento. Geralmente, a família encontra-se fragilizada, está socialmente vulnerável, com laços comunitários enfraquecidos ou rompidos e é considerada impossibilitada de cuidar de seus filhos. Ao mesmo tempo, as crianças e adolescentes podem se sentir **responsáveis ou culpadas** pela situação, especialmente se não encontram outras formas de entender e explicar o que gerou o seu afastamento do ambiente familiar. O motivo do acolhimento, portanto, deve ser de conhecimento de todos aqueles que têm vínculo com a criança ou adolescente, para que possam responder suas dúvidas e oferecer-lhe explicações claras e concretas sobre a situação, inclusive a partir de alguns **parâmetros legais**.

2. Fundamentos

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e o Plano Nacional de Convivência Familiar e Comunitária (PNCFC) enfatizam que pobreza e dificuldades circunstanciais da família não são **motivos para o acolhimento**. Reforçam que todas as estratégias possíveis devem ser lançadas para evitar esta medida de proteção e promover a **integração familiar**, garantindo os direitos e o desenvolvimento saudável de todos os seus membros. Sendo assim, as intervenções não devem ser voltadas apenas para a criança ou adolescente.

O Estatuto da Criança e do Adolescente preconiza que é dever do poder público amparar a família para que ela possa cuidar de seus filhos; garantir ações e serviços de prevenção, atenção e inclusão social para que ela possa desempenhar essa função. Nesse sentido, a retirada da criança e adolescente do convívio familiar deve ser a última alternativa, quando todos os recursos forem esgotados e os **direitos** da criança e do adolescente de fato não puderem ser garantidos em seu seio familiar.

2. Fundamentos

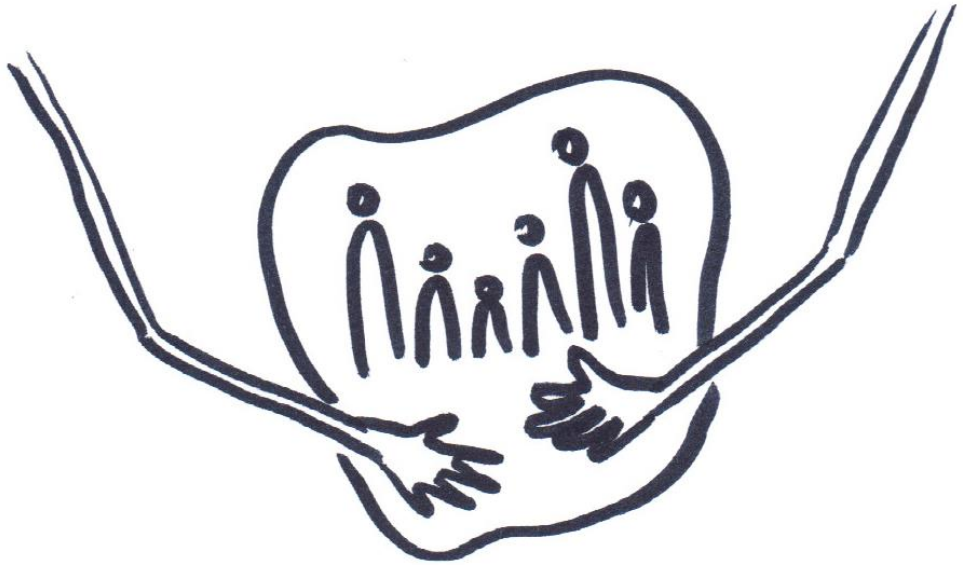
Apesar de nossa **legislação avançada**, observa-se que nem sempre a rede de serviços tem êxito ao cumprir tais princípios, e muitas vezes as famílias não contam com profissionais, serviços, programas, vagas ou recursos para superar suas dificuldades. As questões que as famílias enfrentam são produto de uma série de fatores históricos, sociais, culturais e psicológicos; os **ciclos** de violência, exclusão e desamparo não se rompem com facilidade e exigem investimentos de diversas ordens para que sejam superados. Muitas vezes, nos deparamos com pais e mães que tiveram seus laços sociais e familiares rompidos, de forma que não podem contar com a ajuda de outros parentes. Muitos deles também sofreram algum tipo de abandono em sua trajetória e não dispõem de recursos e referências para oferecerem cuidados adequados a seus filhos. **São histórias que se repetem.**

É possível notar de forma muito presente no discurso social a **culpabilização** das famílias pela situação de extrema vulnerabilidade em que se encontram e que por vezes gera o acolhimento de suas crianças. Falas como “esta mãe abandonou o filho, não tem instinto maternal” ou “a avó não quis nem saber, preferiu deixar o menino no abrigo” refletem esta visão e tendem a criar ainda mais obstáculos para que as famílias se tornem potentes para desempenhar o seu papel de cuidado e proteção. Em alguns casos, pode não haver desejo dos familiares em assumir os cuidados e a responsabilidade sobre a criança e isso também deve ter um lugar na escuta, mas é preciso cuidado para não confundirmos dificuldade com desinteresse. Qual chance damos para uma família se só conseguirmos enxergá-la como incapaz?

2. Fundamentos

As **crenças e significados** construídos pelos profissionais do serviço de acolhimento acerca das famílias de origem influenciam a relação entre estas e o serviço. Permeadas por desafios, vulnerabilidade social, violências, sofrimento e fragilidades, as histórias destes bebês, crianças e adolescentes acabam tocando a todos que os acompanham, podendo, inclusive, refletir no desenrolar de seus processos. Com o intuito de protegê-los, não é incomum que a família, que também precisa de cuidados e proteção, seja posta de escanteio, um pouco como a vilã da história.

É preciso ir além do que se imagina e conhecer de fato a complexa **realidade familiar**, sua dinâmica e seus valores. Há muitos aspectos a serem considerados quando uma família não se encontra suficientemente organizada. Quando conhecemos e entendemos com profundidade estes aspectos, podemos construir um olhar que leve em consideração a trajetória de vida da família, as dificuldades que enfrentaram, suas possibilidades e potências; e assim, ajudá-la na valorização de sua trajetória e na construção de novos projetos.



2. Fundamentos

Nesse contexto de distância, rupturas, histórias doloridas e complexas, bem como de desafios práticos (dia e hora da visita, distância entre o serviço de acolhimento e a casa da família), as relações e vínculos familiares podem se enfraquecer. Por isso, os profissionais do serviço de acolhimento devem estar preparados para, nos momentos de visitas da família ao serviço e contato com a criança e o adolescente, atuarem como **mediadores e facilitadores dessa relação**. Todos aqueles que frequentam ou trabalham no serviço de acolhimento podem contribuir com pequenas ações, como fazer com que os familiares da criança se sintam à vontade, valorizar as pequenas conquistas que fizeram, facilitar a participação no cotidiano de seus filhos, demonstrar a eles que são peças importantes na vida e na identidade da criança ou adolescente. Devem buscar olhar primeiro para a **potência da família** e nela jogar luz, e só então elencar suas faltas e dificuldades para apoiá-las.

O trabalho com as famílias é certamente um enorme desafio para os serviços de acolhimento e para todos aqueles que convivem com a criança ou adolescente acolhido. Acreditamos que a metodologia de trabalho com as histórias de vida pode ser uma aliada na construção de estratégias e ações com as famílias. Os encontros, mediados pelas histórias dos livros e pelos álbuns, são um interessante espaço de troca e contato com as famílias. Todos que têm um vínculo importante com a criança ou adolescente, sejam eles técnicos, educadores, colaboradores voluntários ou padrinhos afetivos, podem e devem promover encontros com os familiares dos acolhidos.

3. A metodologia do FMH

O Fazendo Minha História (FMH) possui uma metodologia sistematizada para que crianças e adolescentes em acolhimento entrem em contato e se apropriem de suas histórias, registrando-as através de fotos, relatos e depoimentos. Propõe espaços de expressão que facilitam à criança ou ao adolescente elaborar passagens delicadas de sua vida, transformando-as em potência.

Quando a criança ou adolescente está acolhido em um serviço de acolhimento que desenvolve essa metodologia, tem a oportunidade de construir um álbum recheado de registros sobre seu presente, passado e futuro sonhado. Cada um possui um adulto de referência, seja ele um profissional do serviço, um colaborador voluntário ou uma madrinha ou padrinho que ajude nessa construção, através de encontros individuais e semanais, por no mínimo um ano, garantindo um olhar individualizado e acolhedor para cada criança ou adolescente.

O registro construído em conjunto é um material que, quando acessado e valorizado pela família, garante a continuidade entre o passado e o presente do bebê, criança ou adolescente, facilitando a construção de sua identidade.

Para saber mais acesse:
www.fazendohistoria.org.br/

3. A metodologia do FMH

3.1 FMH com Famílias Biológicas

O acolhimento de crianças e adolescentes é temporário e, ao longo desse período, os vínculos familiares devem ser mantidos. Salvo casos em que haja proibição de visitas, todas as crianças e adolescentes devem ter contato com seus familiares, incentivado e facilitado pela equipe do serviço de acolhimento. Em alguns casos, os vínculos estão estremecidos e necessitam de investimento para uma reaproximação. Famílias que ficaram afastadas por um longo período podem levar um tempo para se reconectar e reconstruir os laços afetivos.

Além de espaços individuais entre crianças e adolescentes e seus adultos de referência, é indicada a realização de grupos com as famílias com o objetivo de aproximá-las e envolvê-las na construção dos registros que compõem um álbum de suas histórias pessoais e familiares.

3. A metodologia do FMH

3.1 FMH com Famílias Biológicas

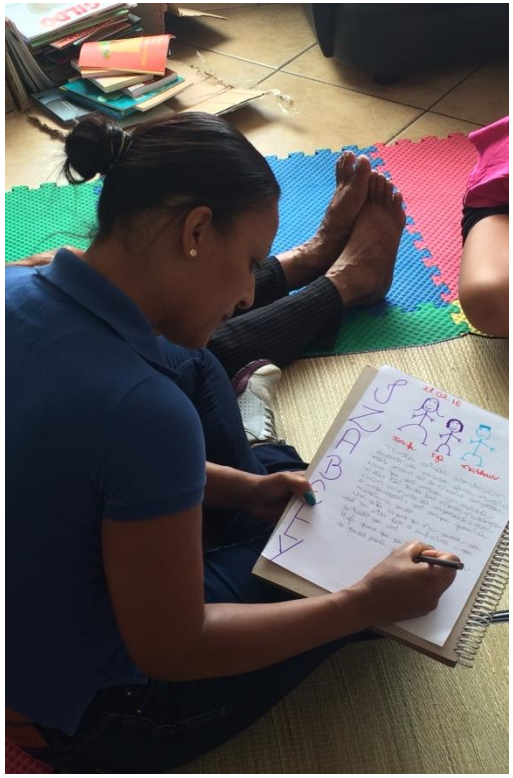
Nesses momentos, os livros podem ser grandes aliados. A leitura mediada por um adulto cria um espaço de cumplicidade e troca afetiva, contribuindo para a construção e fortalecimento dos vínculos. Além disso, estimula adultos e crianças ou adolescentes a conversarem, compartilharem situações vividas, histórias de antepassados e curiosidades sobre a família. Essa troca coloca os interlocutores em um lugar de potência e de quem tem algo precioso a dizer. A circulação destas narrativas estreita laços e permite a construção do sentimento de pertencimento.

Durante um grupo com famílias é possível apresentar o álbum, tirar fotos, ler livros e elaborar alguns registros. Pedir à família que participe da construção do álbum e estimular a criança ou adolescente a levá-lo para casa e fazer uma página com seus familiares, são excelentes formas de aproximar e valorizar a história dessa família!

"Depois de aproximadamente seis anos de acolhimento institucional, o reencontro familiar com a família extensa. Tios, tias, irmãs, primos, avô e avó. Foi necessário fazer apresentações entre as adolescentes e os familiares, como acontece nos primeiros encontros. Muitas curiosidades, saber quem é quem, relembrar nomes e idades. Conhecer novos membros da família. Descobrir semelhanças físicas e de personalidades. Quem tinha mais histórias para contar era a irmã mais velha – Aline –, que proporcionou às adolescentes momentos de muito prazer por ouvir sobre a infância, gostos, pertences pessoais etc. Caroline, Karolyn e Sheila a ouviam com atenção e também contavam sobre sua vida no abrigo com o auxílio dos álbuns do Fazendo Minha História" (Trecho do livro *Esta é Nossa História* - Miriam Silveira Martins de Oliveira, gestora de um serviço de acolhimento).

3. A metodologia do FMH

3.1 FMH com Famílias Biológicas



A construção desse álbum revela detalhes e sutilezas que dão novas cores a cada história. Os registros realizados durante o período de acolhimento ajudam bebê, criança ou adolescente e sua família a conhecerem e compreenderem as passagens da vida de seus membros. Quando alguns registros são compartilhados e construídos junto às famílias, todos os integrantes podem se apropriar do fato de que a trajetória da criança ou adolescente teve sim momentos doloridos, mas não se resume a isto. As lembranças reveladas e concretizadas pelas fotos e depoimentos mostram que a criança ou adolescente foi cuidada, olhada, protegida e amada tanto pelos familiares quanto pelos profissionais do serviço de acolhimento, vivendo com todos eles momentos alegres, estimulantes e prazerosos.

Além disso, muitas vezes os registros revelam a complexidade das motivações que impossibilitaram à família cuidar, temporariamente, de alguns de seus membros. Saber o que aconteceu, registrar, contar e recontar o que se passou, contribui para dar novos significados à separação e refletir sobre caminhos para superar as dificuldades circunstanciais. Todos nós precisamos criar narrativas sobre o que vivemos, e com as crianças, adolescentes e seus familiares não é diferente.

3. A metodologia do FMH

3.1 FMH com Famílias Biológicas

A realização destas ações exige empatia e delicadeza por parte dos adultos de referência das crianças e adolescentes para fazer com que os familiares se sintam acolhidos e compreendidos, e dos familiares a abertura e o interesse em vivenciar este momento. É necessário entender o contexto e o momento da família para que seja realizada uma atividade agradável e produtiva. O objetivo é propiciar bons momentos de convívio entre os familiares, resgatar boas lembranças e histórias e registrá-las nos álbuns. Esperamos que com estas ações as crianças e adolescentes se aproximem ainda mais de seus pais, avós, tios, irmãos, primos.

"A mãe e o irmão da Natália participaram do encontro em mais de uma oportunidade. Natália mostrou páginas do álbum para eles, as fotos que havia colado, os eventos que tinha decidido registrar. Fizemos todos juntos a página sobre o seu batizado. Ela parecia orgulhosa de seu trabalho. No início parecia que a mãe de Natália estava receosa com nossa relação. Não sei ao certo, mas pareceu que estava testando se (ainda) tinha autoridade e o afeto da filha. Isso me mostrou o quanto precisamos pensar esta relação com delicadeza, respeitando as sutilezas que podem fortalecer ou enfraquecer os vínculos. Nossos e deles. De todos. Acho importante a família testemunhar a criança ou adolescente produzindo algo que tenha a ver com seus laços familiares, com seu passado e também com seu projeto de futuro. Dá uma perspectiva, um norte. E, ao mesmo tempo, um fio terra, algo que, aos olhos da família, conecte a criança ou adolescente ao mundo. Do meu ponto de vista, como colaboradora, conhecer a família dá outra cor ao vínculo com as crianças. Parece que giramos uma chavinha, "mudamos de fase", como num jogo de videogame".
(Paula Kahan Mandel, colaboradora voluntária do Fazendo Minha História).

"No primeiro encontro que acompanhei um pai com suas três meninas, notei que ele usou o momento para queixar-se, desabafar sobre a maneira como as crianças foram acolhidas e o quanto considerava injusto. Nesse dia, fiquei com a impressão que o contato com as filhas era superficial e sem muita proximidade. No segundo encontro, o momento foi individual, o pai ficou com uma delas por vez. Nesse dia foi possível desenvolver uma página do álbum de cada uma, ele pareceu mais tranquilo com a situação e com um discurso de esperança quanto aos passos que precisava dar para reconquistar a guarda dos filhos. Foi nessa ocasião individualizada que pude repensar a proximidade dele com suas filhas e vice versa. Ele contou histórias boas e divertidas sobre a escolha dos nomes de todos os filhos e no final comentou que antes do acolhimento nunca tinha tido oportunidade de ter momentos tão próximos com os filhos, igual aos que fez nos nossos encontros".
(Glaucia Monaliza, colaboradora voluntária do Fazendo Minha História).

3. A metodologia do FMH

3.2 Fazendo História com as Famílias Adotivas

Em casos de adoção, os benefícios dos momentos de mediação de leitura e de construção dos registros são muito semelhantes. Mostrar e convidar as famílias adotivas a ouvirem ou lerem livros e a participarem da confecção dos álbuns facilita a construção dos vínculos e abre um canal de comunicação no qual as histórias podem ser olhadas, faladas e valorizadas. Conhecer a criança e a história que ela carrega através do álbum pode facilitar, e muito, a convivência inicial entre pais e filhos. Saber a rotina da criança, seus horários, o que a deixa irritada ou alegre, seus hábitos na hora de comer, de dormir, de tomar banho, objetos preferidos, contribui para uma adaptação gradual e tranquila.

O filho adotivo não nasce quando é adotado. Ele carrega uma história anterior à chegada na família. Quando essa história é desconhecida para os pais ou transmitida somente pelos atores do judiciário, as cores dadas a ela podem ser maquiadas ou até sombrias. Deste desconhecimento surgem versões fantasiosas, preconceituosas, estigmatizantes. Pode-se adotar uma visão negativa da família biológica, em relação à qual se destacam os aspectos que levaram à destituição (“abandono no hospital”, “usuária de drogas e moradora de rua”, “maus tratos”), deixando-se de lado detalhes que podem revelar momentos de cuidado e amor (tentativas de visitas que foram proibidas, o enxoval que foi feito carinhosamente pela família, a emoção e indignação ao se separar do filho, o pedido para que alguém cuidasse dele da melhor forma possível, o olhar de ternura durante as amamentações).

3. A metodologia do FMH

3.2 Fazendo História com as Famílias Adotivas

O álbum, muitas vezes, pode mostrar a complexidade das motivações que impossibilitaram à família de origem ficar com seu filho, diminuindo as chances de a criança crescer sob a sombra da explicação simplista que se oferece a ela e à família adotiva: “foi abandonada”, “sofreu violência” ou “a família era negligente”. Tais registros podem revelar o emaranhado de motivações que na maioria das vezes não estão ligadas ao desejo pessoal de não ter um filho e de abandoná-lo, mas que se relacionam, sobretudo, com os contextos familiar, econômico, histórico e social que podem ter impulsionado a família biológica a perceber que não poderia ou não conseguiria cuidar da criança da forma como ela precisa e merece.

“Joana e Jaime (pais adotivos) participaram de alguns encontros do FMH. Tive o privilégio de presenciar esta fase de adaptação e explicar para o Mário quem era o casal. Joana e Jaime mostraram-se interessadíssimos pela vida do pequeno, que puderam conhecer melhor através do álbum. Contribuíram com a construção de algumas páginas, deixando depoimentos sobre suas vidas e expectativas quanto a esta nova etapa. Fizeram também uma carta de apresentação para Mário, outra ao abrigo agradecendo todo o cuidado e carinho e uma terceira em nome de Mário despedindo-se da casa. Nos encontros brincaram bastante: cantaram, bateram palminhas e dançaram. Eu mostrei as músicas que Mário gostava e eles compartilharam canções que conheciam. O encontro de despedida teve gostinho de missão cumprida. Acredito que o contato dos pais adotivos com a história da criança possa ser o início da caminhada. Vejo como uma ponte que leva e traz infinitas oportunidades”.
(Jorali Tomé, colaboradora voluntária do Fazendo Minha História).

3. A metodologia do FMH

3.2 Fazendo História com as Famílias Adotivas

Dessa forma, o álbum é uma oportunidade para que pais e filhos adotivos conversem afetivamente sobre a trajetória da família e as trajetórias individuais de cada membro que a constitui. É uma forma de tratar a história da adoção de maneira natural e lúdica, tornando desnecessário o momento tão temido da “revelação”; a história estará ali sempre, não há um momento específico para se falar dela, pode ser acessada quando pais e filhos quiserem. Além disso, podem ser construídas páginas que permitam à criança ou adolescente conhecer o desejo dos pais de terem um filho, a emoção do encontro, os momentos prazerosos vividos em família. O álbum fortalece o sentimento de identidade familiar e mostra que falar das histórias não é algo proibido. Pode também auxiliar os pais a contarem a seus filhos trechos de sua história antes da adoção, ajudando-os a conhecerem mais sobre si mesmos e a construírem uma identidade que contemple seu passado, presente e futuro imaginado.

3. A metodologia do FMH

3.3 Fazendo História com Grupos de Irmãos

ECA estabelece que irmãos devem permanecer juntos, no mesmo serviço de acolhimento, e que só podem ser separados em casos excepcionais. Em um momento de grande delicadeza, em que bebês, crianças e adolescentes já estão separados dos adultos de sua família, longe de casa, do bairro, da escola que frequentavam, ficar sem os irmãos traz ainda mais sofrimento. Manter irmãos unidos favorece a adaptação no serviço de acolhimento e a manutenção dos vínculos familiares, pois juntos, podem compartilhar sentimentos, conversar sobre a experiência do acolhimento, ajudar uns aos outros a entender o momento que vivem e relembrar situações vividas em família.

No entanto, morar junto não garante a permanência dos vínculos fraternais. O abrigo institucional acolhe até 20 crianças e adolescentes e neste ambiente coletivo, com o passar do tempo, as crianças, sobretudo as menores, podem deixar de perceber a diferença existente entre seus irmãos e o restante dos meninos e meninas acolhidos. Profissionais dos serviços de acolhimento precisam ajudar os irmãos a se enxergarem como tal, promovendo conversas e atividades que fortaleçam a identidade familiar e a relação fraternal.

3. A metodologia do FMH

3.3 Fazendo História com Grupos de Irmãos

Encontros para conversar e registrar histórias podem ser uma boa maneira de reunir irmãos e tratar de temas relativos às especificidades desta família. Neste contexto, a leitura de livros e construção de páginas dos álbuns fortalecem os laços afetivos e favorecem conversas sobre histórias do passado e do presente. A realização de momentos em grupo com irmãos mediados por livros e álbuns, assim como dito em relação às famílias biológicas, permite ainda que conheçam passagens da trajetória da família, compreendam e elaborem a situação do acolhimento. As lembranças dos irmãos podem se complementar e permitir a construção de uma visão mais ampla de todo o contexto familiar. Irmãos mais velhos podem contar aos menores fatos ainda desconhecidos ou esquecidos; os pequenos podem trazer à tona sentimentos colocados de lado. As lembranças podem ser diversas e contraditórias, mostrando que cada um vive sua história de maneira muito singular. Uma história tem diferentes versões e dar espaço para isso surgir no grupo de irmãos pode ser muito transformador.

"Em um determinado momento do trabalho, comecei a sentir que os irmãos estavam cada vez mais unidos, e foi um movimento natural fazer um encontro mais longo com os três juntos em vez de me encontrar separadamente com cada um deles. Quando eu chegava ao abrigo, os três me seguiam, pegávamos os álbuns e a festa começava. Existia um carinho e um cuidado muito especial entre os irmãos, e fiquei feliz ao perceber que a Tainá acolheu muito bem os irmãos e dividiu com eles um espaço que até então era só seu. Os três irmãos criaram um tipo de ritual entre eles: cantar "Parabéns pra você, mamãe" com os álbuns abertos na página com as fotos da mãe, tiradas na festa que o abrigo fez no aniversário das gêmeas. Eu achava tudo isso muito significativo – três crianças cantando "Parabéns" para uma mãe ausente. É muita saudade, não é? Aos poucos transformamos esse momento de saudade e ausência em uma celebração à vida dos três. Nossos encontros foram feitos de brincadeiras, de histórias, de livros, de registros, de fotos, de alegrias e de dores. Em alguns momentos ofereci colo e suportei o choro e a raiva que as crianças sentiam, principalmente a Tauani, que em alguns momentos tentou destruir as fotos da mãe. Incluí a saudade e a ausência da mãe de modo que as crianças pudessem nomear o que sentiam, afinal, é muito triste e difícil ficar longe de quem se ama".
(Alessandra Pereira Paulo, colaboradora voluntária do Fazendo Minha História). Trecho do livro *Esta é Nossa História.*

4. Cardápio de Atividades

Para auxiliar no planejamento de encontros ricos e significativos com as famílias, elaboramos um cardápio de atividades que podem ser realizadas com cada família e seus filhos, famílias adotivas e crianças em processo de adaptação, grupos de irmãos. Algumas atividades podem também ser feitas em grupo com todas as diferentes famílias que frequentam o serviço de acolhimento.

As ideias apresentadas abaixo podem inspirar e servir de base para criação de outras atividades. Cada profissional, colaborador voluntário ou padrinho pode adaptá-las às especificidades dos casos com os quais atua.

Atividade	Vamos lá?	Materiais
Este é meu álbum!	O objetivo é ajudar a criança ou adolescente a apresentar o seu álbum para o familiar e mediar as conversas que surgirão a partir daí.	Álbum da criança ou adolescente
O que significa meu nome?	Mediar uma conversa entre criança/adolescente e seus familiares, abordando: - Significado do nome da criança; - Quem escolheu o nome; - Como foi a história da escolha; - Existia outra possibilidade? Depois, fazer um registro com as histórias e informações que surgirem.	Materiais gráficos para registro, fotos, máquina fotográfica.

4. Cardápio de Atividades

Atividade	Vamos lá?	Materiais
Nossas lembranças	Mediar uma conversa entre criança/adolescente e seus familiares, abordando fatores positivos do período em que moravam juntos: - O que faziam juntos, o que gostavam de assistir, de jogar, de comer; - Quem morava junto; - Como era a casa, o bairro, a escola; Registrar as histórias, informações e cenas que surgirem.	Materiais gráficos para registro. Fotos de período em que viviam juntos (pedir para familiares e técnicos do serviço) Máquina fotográfica. Dica: procurar no googlemaps por mapas e fotos (googlestreetview) da casa ou bairro.
Quando eu era menor	Mediar uma conversa entre criança/adolescente e seus familiares, abordando: - Como a criança/adolescente era quando era mais nova? (Comportamentos, aspectos físicos, saúde, desenvolvimento cognitivo e motor). Registrar as histórias, informações e cenas que surgirem.	Materiais gráficos para registro Fotos da criança ou adolescente no passado (pedir para familiares e técnicos do serviço)
Fato ou mito?	Mediar uma conversa entre a criança/adolescente e seu(s) irmão(s) Cada um conta 3 fatos sobre si, sendo que um destes não é verdade. O irmão terá que adivinhar qual fato não é verdadeiro.	-

4. Cardápio de Atividades

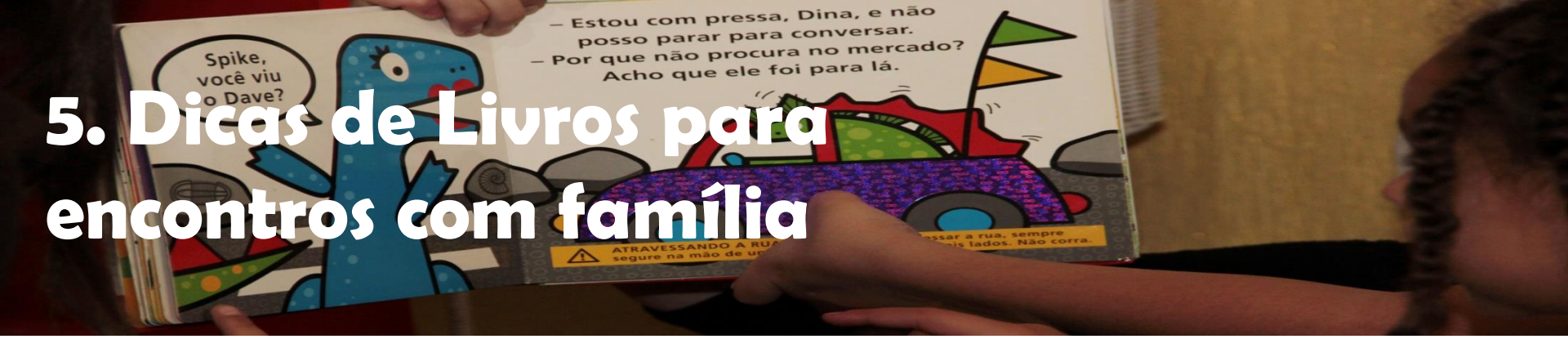
Atividade	Vamos lá?	Materiais
Mostrando a casa e a minha rotina	A proposta é que a criança ou adolescente apresente ao seu familiar o espaço em que vive e como é o seu dia a dia: - Apresentar as pessoas que moram na casa; Apresentar os educadores que cuidam dele (a); Mostrar os cômodos; Contar sobre a rotina e regras da casa; O que gosta de fazer e o que não gosta de fazer na casa; Lugares preferidos; Falar sobre as casas que já moraram juntos. Registrar as histórias, informações e cenas que surgirem no álbum. Para esse tema, o preparo de páginas que falem sobre a rotina na casa é uma ótima ferramenta!	Materiais gráficos para registro. Fotos da casa. Máquina fotográfica. Páginas do álbum que falem sobre a rotina.
Brincadeiras	Mediar uma conversa entre a criança/adolescente e seus familiares sobre as brincadeiras: Quais são as brincadeiras favoritas de cada um? Do que os adultos brincavam quando crianças? Como eram seus brinquedos? Do que costumavam brincar em casa? Depois, pode-se propor alguma atividade com base no que foi conversado: - Construir alguns brinquedos juntos (ex: pipa, origamis); Brincar juntos; Organizar alguma brincadeira que envolva as outras crianças e adolescentes da casa Registrar as histórias, informações e cenas que surgirem no álbum.	Materiais gráficos para registro. Máquina fotográfica. Páginas do álbum que falem sobre brincadeiras. Material para produção de brinquedos e brincadeiras.

4. Cardápio de Atividades

Atividade	Vamos lá?	Materiais
Mediação de leitura	A proposta desta atividade é oferecer a mediação de leitura para os familiares e para a criança/adolescente. - Colocar a esteira de leitura com almofadas em algum espaço confortável para a leitura, e espalhar os livros. - Permitir que a criança/adolescente e os adultos escolham os livros que lhe parecem mais interessantes - Estimular a criança/adolescente a mostrar quais são seus livros favoritos - Estimular que leiam uns para os outros Registrar as histórias, informações e cenas que surgirem no álbum.	Livros Máquina fotográfica Local aconchegante para leitura Material gráfico para registro Dica: Alguns familiares podem não saber ler, é preciso ter sensibilidade para não colocá-los em uma situação desagradável.
Quem sou eu?	Mediar uma conversa entre a criança/adolescente e seu(s) irmão(s) Cada criança responde um questionário sobre seu (s) irmão (s), todos respondem o mesmo questionário e depois veem quantas respostas acertaram um do outro. Por exemplo: - Qual a cor preferida do seu irmão? - O que o deixa muito bravo? - Que comida ele não come de jeito nenhum? - Que lugar do mundo gostaria de conhecer?	Questionário, folhas e canetas.

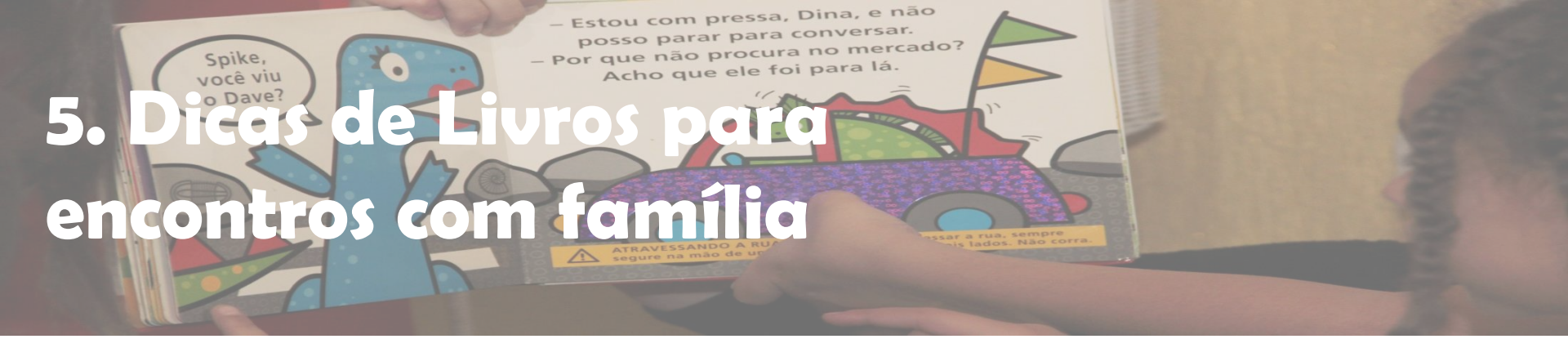
4. Cardápio de Atividades

Atividade	Vamos lá?	Materiais
Juntos na cozinha!	Comida costuma estar ligada a afeto; cozinhar e comer juntos são hábitos que costumam fazer parte da vida familiar. Esta atividade pretende resgatar estes momentos e com isso facilitar o contato entre a criança ou adolescente e seus familiares, assim como com as demais crianças, adolescentes e profissionais da casa: Mediar uma conversa sobre as comidas que os familiares faziam para a criança/adolescente: quais eram as preferidas?; Preparar em conjunto algum prato que costumavam comer juntos (como por exemplo, um bolo); A equipe da casa pode ser convidada para ajudar na elaboração do prato; Convidar as outras pessoas da casa para degustar. Registrar as histórias, informações e cenas que surgirem no álbum. Se possível, registre a receita preparada na página.	Ingredientes para o preparo da comida (o prato a ser feito terá de ser escolhido com antecedência: falar com técnicos e familiares)
Linha da vida	O objetivo é criar uma linha da vida familiar com o grupo de irmãos. Dando oportunidade para cada um contar sua versão da história, construir juntos a trajetória familiar a partir de datas significativas. Propor um jogo de perguntas e respostas uns sobre os outros é um aquecimento interessante para que as crianças e adolescentes entrem na atividade (qual é a comida preferida de fulano? O que ciclano fazia quando era pequeno? Etc) Sabe por que? Muitas vezes histórias são contadas por uns de um jeito e vividas e sentidas por outros de outro jeito. Isto é normal e importante, afinal de contas, cada pessoa tem uma maneira de enxergar o mundo, a partir das experiências anteriores. É bom poder ver que não há uma só verdade a respeito de uma mesma história.	Materiais gráficos para registro.



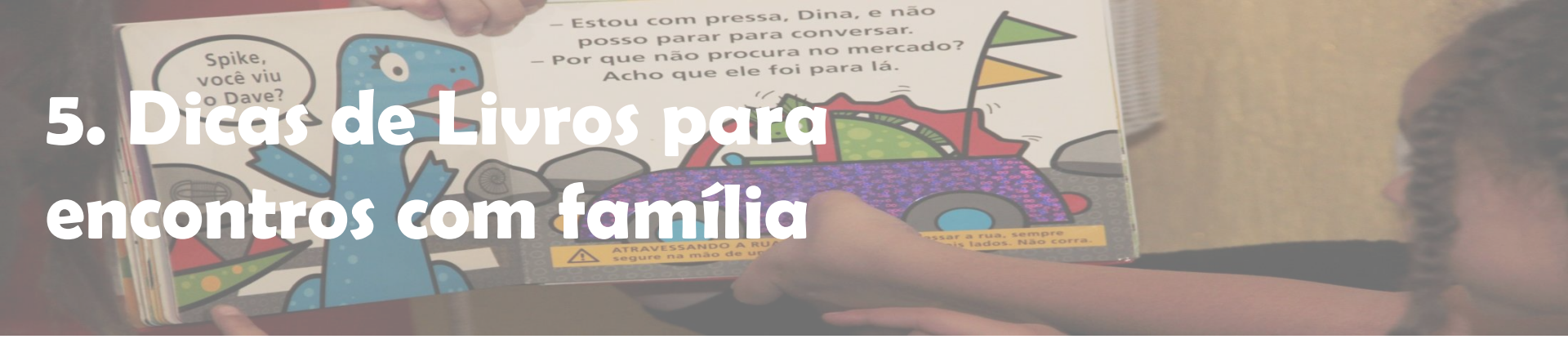
5. Dicas de Livros para encontros com família

LIVRO	AUTOR	EDITORA	TEMA
A casa sonolenta	Audrey Wood	Ática	Família; imaginário.
A família da Flora	Annete Audrey	Girassol	Adoção
A história da Jabuticaba	Fabiana Zayat	Instituto Fazendo História	Irmãos, separação
A história de Pedro - 2a edição	Bruna Elage	Instituto Fazendo História (pode ser encontrado no site)	Chegada e adaptação no serviço de acolhimento
Agora não, Bernardo	David McKee	Martins Fontes	Família; solidão.
Ana e Ana	Célia Godoy	Difusão Cultural do Livro	Família; identidade; singularidade
Ana, Guto e o gato dançarino	Stephen Michael King	Brinque-Book	Família; diferenças
As tranças de Bintou	Sylviane A. Diouf	Cosac &Naify	Família
As três vidas de Fred	Carmem Lucia Eiterer	Mazza Edições	Adoção; preconceito
Avó	Guto Lins	Globo	Família; singularidade.
Bebê do coração	Thelma KracochanskyLaufer	Callis	Adoção
Bonita, é assim que vovó me chama	Barbara Joosse	Brinque-Book	Família



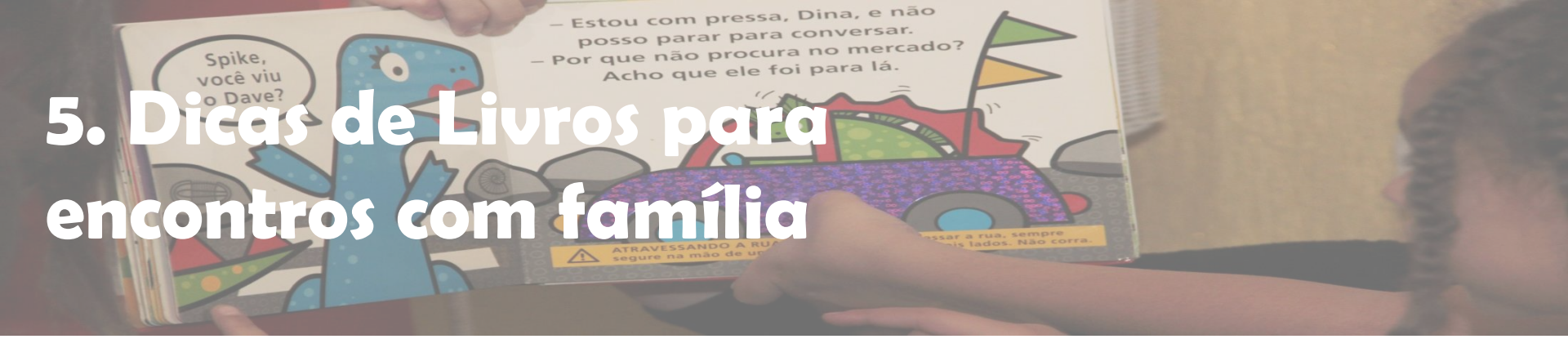
5. Dicas de Livros para encontros com família

LIVRO	AUTOR	EDITORA	TEMA
Como é que eu era quando eu era bebê?	Jeanne Willis e Tiny Ross	Brinque-Book	Família; identidade
Conta de novo	Jamie Lee Curtis	Salamandra	Adoção
É só gostar	Isabella Barbosa	Difusão Cultural do Livro	Família
Eloísa e os bichos	Jairo Buitrago/Rafael Yonckteng	Pulo do Gato	Mudanças; separações; adaptações
É tudo família	Alexandra Maxeiner e AnkeKuhl	L&PM Editores	Família; diversidade
Então você chegou	Anette Hildebrandt	Companhia das Letrinhas	Adoção;
Filha	Guto Lins	Brinque-Book	Família; diferenças
Filho	Guto Lins	Brinque-Book	Família; diferenças
Guilherme Augusto Araujo Fernandes	Mem Fox	Brinque-Book	Amizade; memórias
Lilás, uma menina diferente	Mary Whitcomb	Cosac&Naify	Família; diferenças
Lino	Andre Neves	Callis	Mudanças; separações; adaptações



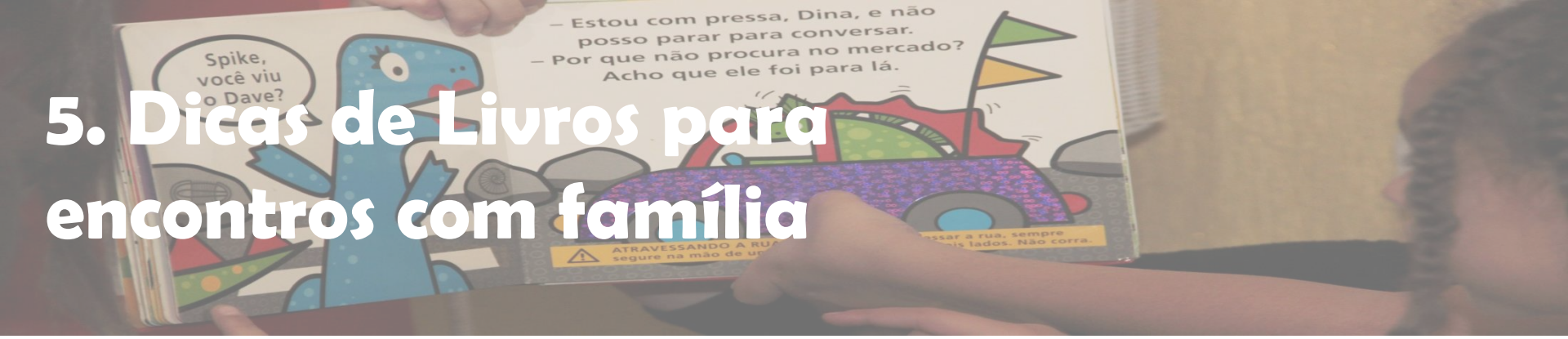
5. Dicas de Livros para encontros com família

LIVRO	AUTOR	EDITORA	TEMA
Mãe	Guto Lins	Brinque-Book	Família; diferenças
Mamãe é grande como uma torre	Brigitte Schar e JackyGleich	Cosac Naify	Família
Mamãe, você me ama?	Bárbara M. Joosse	Brinque-Book	Família
Menina Bonita do Laço de fita	Ana Maria Machado	Atica	Família; identidade
Menina Nina	Ziraldo	Melhoramentos	Família; sentimentos; morte
Meu avô Apolinário	Daniel Munduruku	Studio Nobel	Família; identidade
Minha mãe é um problema	Babette Cole	Companhia das Letrinhas	Família; singularidade.
No coração e na bolsa	Laurence Bourguignon	Brinque-Book	Família
O aniversário do dinossauro	Índigo	Dedo de prosa	Família; memória; identidade
O anjo da guarda do vovô	Jutta Bauer	Cosac Naify	Família; morte; crescimento
O grande rabanete	Tatiana Belinky	Moderna	Família; texto divertido
O homem que amava caixas	Stephen Michael King	Brinque-Book	Família



5. Dicas de Livros para encontros com família

LIVRO	AUTOR	EDITORA	TEMA
O livro da família	Todd Parr	Panda books	Família; diferenças
O livro da mamãe	Todd Parr	Panda books	Família; diferenças
O livro do papai	Todd Parr	Panda books	Família; diferenças
O menino que não nasceu da barriga da mãe	Carmem Lucia Eiterer	Mazza Edições	Adoção
O Sítio do Pica-pau Amarelo	Monteiro Lobato	Brasiliense	Família; amizade; sentimento
O urso que queria ser pai	Wolf Erlbruch	Companhia das Letrinhas	Família
Obrigado a Todos!	Isabel Minhos Martins	Peiropolis	Família
Olivia	Ian Falconer	Globo	Família
Orelhas de Mariposa	Luisa Aguilar/André Neves	Callis	Família; diferenças
Os tesouros de Monifa	Sonia Rosa e Rosinha	Brinque-Book	Identidade; família
Pai	Guto Lins	Brinque-Book	Família; diferenças
Pedro está encolhendo	Miriam Latimer	Girafinha	Família; sentimento
Por favor, Eleonor	Marie-Louise Gay	Brinque-Book	Irmãos
Primo	Guto Lins	Brinque-Book	Família



5. Dicas de Livros para encontros com família

LIVRO	AUTOR	EDITORA	TEMA
Quando mamãe virou um monstro	Joanna Harrison	Brinque-Book	Família
Tanto, tanto	TrishCooke e Helen Oxenbury	Ática	Família; amor; vínculo
Tudo bem ser diferente	Todd Parr	Panda books	Família; diferenças
Um papai sob medida	Davide Cali e Anna Laura Cantone	Cosac Naify	Família; pai
Vovô Frank é um show	David Machintosh	Caramelo	Família; avô

6. Referências

✓BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente/ ECA Lei Federal n° 8069, de 13 de julho de. 1990.

✓BRASIL. Ministério da Justiça, Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente – CONANDA; Conselho Nacional de Assistência Social – CNASS (2006) Plano Nacional de Promoção, Defesa e Garantia do Direito das Crianças e Adolescentes á Convivência Familiar e Comunitária (versão Preliminar). Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos – SEDH.

✓BRASIL, Nova Lei da Adoção. Lei nº 12.010 de 03 de agosto de 2009.

✓BRASIL. Orientações técnicas: serviços de acolhimento para crianças e adolescentes. Brasília, junho de 2009.

✓INSTITUTO FAZENDO HISTÓRIA. Guia de ação para colaboradores. Realização: Ministério da Cultura. 2013.

✓PAIVA, L. D. Adoção: significados e possibilidades. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

✓PARR, Todd. O Livro da Família. Ed. Panda Books: São Paulo.2010

✓VITALE, Maria Amália Faller (Org.). Famílias: redes, laços e políticas públicas. 4 ed. São Paulo: Cortez/Instituto de Estudos Especiais/PUC-SP, 2008

Para saber mais...

Site: www.fazendohistoria.org.br

Facebook.com/instituto.fazendohistoria

Instagram: @institutofazendohistoria

Aplicativo Fazendo História

Entre no site http://app.vc/fmh2015 ou pelo google "Fábrica de Aplicativos, Fazendo História"